

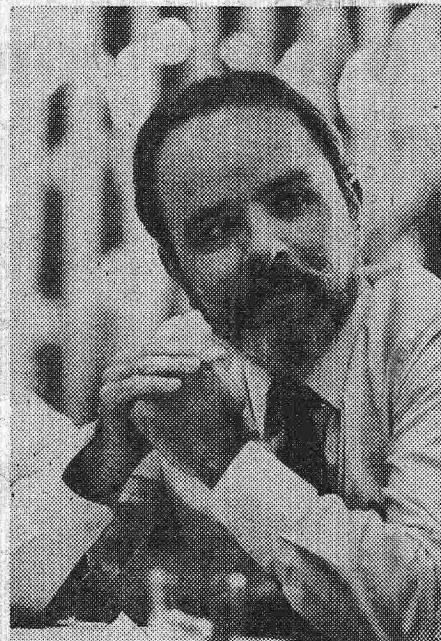
"A inflação de 15% é muito sensível e acaba explodindo"

Dionísio Carneiro



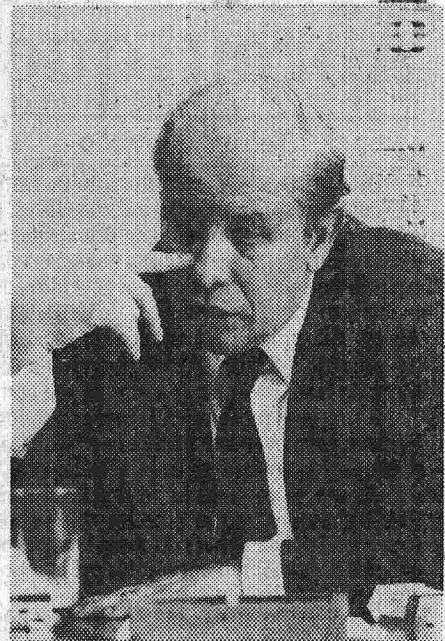
"Uma solução para a inflação exige uma saída política"

Paul Singer



"Sabemos que as dificuldades são crescentes"

Rogério Werneck



"Tudo depende do que se faça com a política fiscal"

Mário Henrique Simonsen

Estabilizar a inflação é uma tarefa difícil

JORNAL DO BRASIL — Gostaria de saber o que podemos vislumbrar para a economia nos próximos meses, dentro dessa política feijão com arroz do ministro Maílson da Nóbrega. Será que temos recursos para desanuviar as pressões ou mais uma vez estaremos empurrando com a barriga e jogando o problema para frente?

Mario Henrique Simonsen — Acho muito difícil saber o que o governo realmente pretende fazer, até porque o governo está dividido em facções. Não é uma coisa coesa. Tudo vai depender do que se faça com a política monetária, fiscal e salarial. Acho que o grande problema que o Brasil tem daqui para frente é o de melhorar o perfil dos gastos públicos. Nos últimos anos houve uma piora substancial na composição dos gastos operacionais, de custeio. Inclusive os investimentos novos estão muito precários.

JB — Você vê sinais que possam ajudar nesse sentido hoje?

Simonsen — Não. Hoje eu vejo inflação constante, mais ou menos na base de 15% ao mês. Isso levando a política monetária vis-à-vis à política salarial. O problema são as exceções à regra da URP.

Rogério Werneck — Hoje vivemos um processo de ilusão nacional. Há uma grande onda de otimismo e parece até que a situação já não é mais tão feia quanto era há pouco tempo. Só que não vejo nenhuma razão para supor que a inflação vai se estabilizar pela simples administração do orçamento fiscal. Há que se perguntar se alguém que só conhece a máquina vai ter força para fazer alguma coisa. A expectativa nacional é de que a inflação vai se estabilizar, mas isso é um processo de ilusão. A situação continua sendo extremamente delicada.

Dionísio Carneiro — Todos sabemos que é extremamente difícil ter uma inflação estabilizada em torno de 15%. O que podemos desejar é que não se faça nada para a inflação explodir sozinha. Uma inflação dessa magnitude é muito sensível e vai explodir porque tem um equilíbrio muito precário. Apesar disso, acho que a postura tanto do Maílson quanto do João Batista (ministro do Planejamento) levam para o lugar certo. O que eles podem fazer agora é restaurar um mínimo de decência nas finanças públicas. Sinalizar para ter maior controle fiscal, com uma melhor composição da despesa pública, sem tentar fazer média com aumento da categoria a ou b. É preciso arrumar a casa, mas isso não é suficiente para resolver os problemas brasileiros.

Paul Singer — Eu acho que a inflação tende a subir. Não creio que seja possível estabilizá-la. Há um grande descontrole e as pressões por aumento de preços são muito grandes. A inflação subirá até por descontrole e algo terá que ser feito entre março e setembro para deter essa onda inflacionária que será fatal.

□ É possível estabilizar a inflação em 15% com a política feijão com arroz do ministro da Fazenda Maílson da Nóbrega? O ex-ministro Mario Henrique Simonsen, embora reconheça as dificuldades, acha que sim e lembra que a inflação já ficou estabilizada em 10% ao longo de dois anos. Rogerio Werneck, da PUC do Rio, não crê na hipótese de estabilização, assim como Dionísio Carneiro, que considera o índice de 15% de "equilíbrio muito precário".

Paulo Singer, da USP, acha que o governo devia tentar combater a inflação com uma política de preços e salários, negociando para que ambos subam num mesmo ritmo. Edmar Bacha, da PUC, alerta para o desperdício dos gastos do governo, mas Márcio Fortes, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, acha que nesse ano o governo deverá racionalizar melhor seus dispêndios.

Também não creio que a contenção dos gastos públicos vá ocorrer num ano eleitoral. Mas mesmo que aconteça, teria que ser uma contenção brutal a ponto de provocar uma tremenda recessão.

A inflação exige uma saída política, um acerto. É necessário aprovar logo a Constituição para que tenhamos novas regras. Acho que o feijão com arroz do Maílson é meramente a constatação de que não dá para fazer mais do que isso até que se tenha um horizonte político qualquer. Até agora a URP vem salvando um pouco a situação mas com uma inflação de 15% fica-se na mesma situação do gatilho que compensava 20% quando se tinha inflação de 25%. Os sindicatos estão exigindo a URP acumulada trimestralmente e eu acho que as grandes empresas não vão negar até porque podem simplesmente repassar para os preços porque não há mais um controle rígido.

Werneck — Isso dá um tremendo descrédito quanto a questão inflacionária. Por isso que a inflação está aí, não importa o nível de preços nem o aumento de salários porque sempre haverá demanda a qualquer preço.

JB — Mas que recursos o ministro Maílson teria para aplicar agora, já que ele é declaradamente contra o choque de congelamento. Inclusive tem a pressão imediata da inflação porque uma situação de 15% com qualquer chuchu pode virar uma inflação de 18% ou 22%.

Simonsen — Mas se você tiver a demanda contida...

Dionísio — Em primeiro lugar teremos que deixar passar uns dois ou três meses para que o governo recupere a imagem de que ele pode fazer alguma coisa. Certamente durante esse tempo vão tentar uma política fiscal restritiva para depois fazer um choque na administração.

Simonsen — Daí a fazer alguma coisa parecida com o choque vai um ano...

Singer — Esse negócio de choque está desmoronado. Por que não tentar fazer uma política de preços e salários? Já tem a URP que vale só para os salários, por que não negociar para que os preços também só subam 9% ao mês? Ao invés de choque deveriam tentar abrir a política econômica fazendo acordos.

Simonsen — Com algo equivalente à URP você consegue estabilizar.

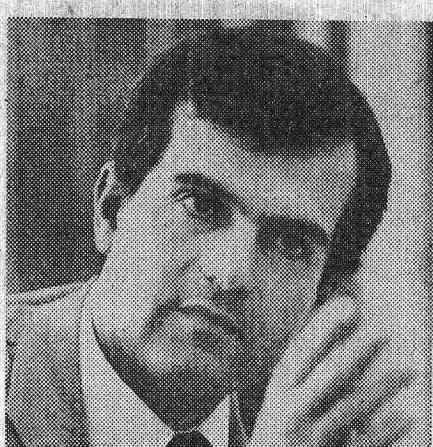
JB — Você não acha que vai haver uma corrida na hora que as empresas começarem a dar reajustes maiores que a expectativa e aí todo mês o reajuste de preços começa a ser explosivamente maior para recuperar o que foi perdido?

Simonsen — Eu não sei se essa seria a reação agora. Antes havia uma forte depressão de preços e começou a haver uma ação preventiva a choques que acabou disparando os gatilhos. Eu concordo que administrar taxas elevadas de inflação é difícil, mas já tivemos no Brasil uma inflação constante de 10% em 1983 e 1984. Se você consegue estabilizar em 10% também consegue em 15%.

Werneck — Quem sabe até 20% (risos)... Sabemos que as dificuldades são crescentes. Se ainda pudéssemos esperar que o ano de 88 seja tão bom para as contas públicas quanto foi 87. Só que sabemos que vai ser pior. A inflação vai ser mais alta, o crescimento do dispêndio vai ser maior do que o da receita. Sem contar a questão da eleição que causa uma pressão gigantesca para mais gastos.

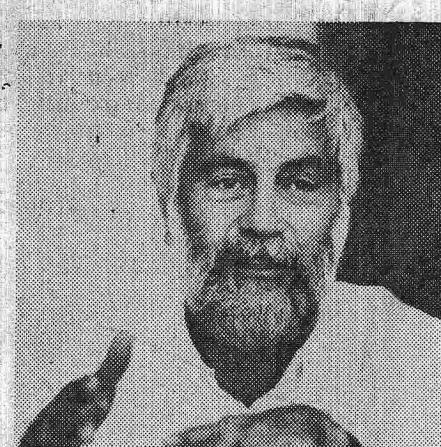
Edmar Bacha — Se você olhar o que o governo fez entre novembro e dezembro você vê a dimensão do problema. O governo reduziu diversas fontes de receita e aumentou gastos que podemos considerar um desperdício. Reduziu receita ao baixar os juros do SFH, suspendeu o compulsório para viagens, aumentou a participação do setor privado no adicional do frete marítimo e usou o compulsório dos bancos para compra de debêntures de empresas privadas. Do outro lado aumentou gastos com a reafirmação da ferrovia Norte-Sul, abriu linha de crédito no BNDES para suplementar o capital de giro de empresas falidas e teve um extraordinário aumento na folha salarial.

Márcio Fortes — Eu apenas queria chamar a atenção que não há a menor condição de se acentuar o investimento do setor público ao longo desse ano. O máximo que se pode conseguir é resgatar algumas coisas já iniciadas. Entretanto, podemos aproveitar esse intervalo para ordenar um pouco as verdadeiras necessidades de financiamento do setor público. Podemos direcionar o dispêndio para aquilo que realmente seja construção e não desperdício.



"Podemos direcionar o dispêndio para coisas construtivas"

Márcio Fortes



"O governo reduziu receita e aumentou suas despesas"

Edmar Bacha